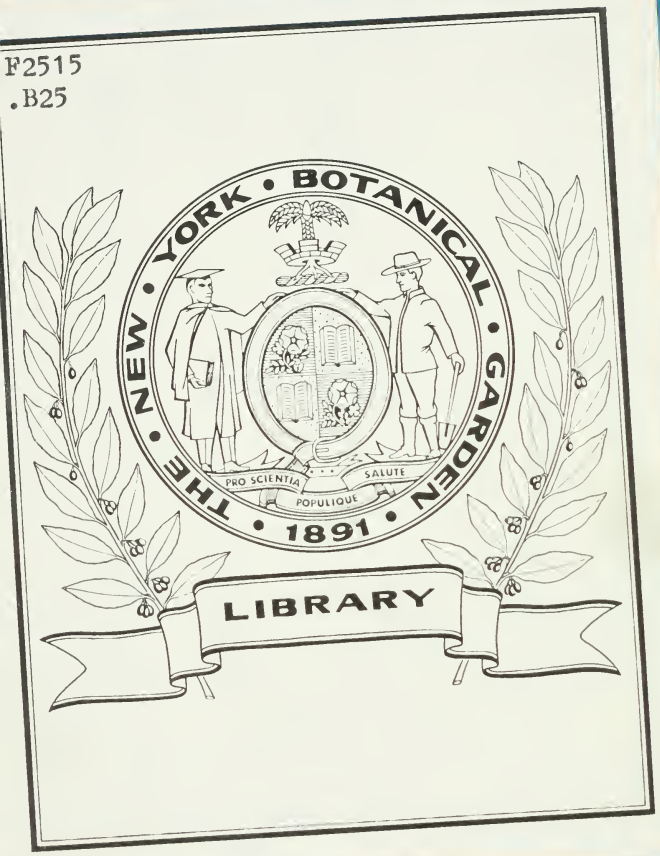
F2515
.B25

Barbosa, Julio Caetano Horta

Exploração do rio Ikê

F2515
.B25


THE • NEW • YORK • BOTANICAL • GARDEN
PRO SCIENTIA
SALUTE
POPULIQUE
• 1891 •
LIBRARY

Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas
de Matto-Grosso ao Amazonas
(Publicação n. 29)

ANNEXO N. 2

Exploração do rio Ikê

(1912 - 1913)

RELATORIO

APRESENTADO AO SR. CORONEL DE ENGENHARIA

Candido Mariano da Silva Rondon

Chefe da Commissão

PELO 1.º TENENTE DE ENGENHARIA

Julio Caetano Horta Barbosa

RIO DE JANEIRO

1916

2131

Commissão de Linhas Telegraphicas Estrategicas
de Matto-Grosso ao Amazonas
(Publicação n. 29)

ANNEXO N. 2

Exploração do rio Ikê

(1912 - 1913)

RELATORIO

APRESENTADO AO SR. CORONEL DE ENGENHARIA

Candido Mariano da Silva Rondon

Chefe da Commissão

PELO 1.º TENENTE DE ENGENHARIA

Julio Caetano Horta Barbosa

RIO DE JANEIRO

1916

2131

B25

RELATORIO

APRESENTADO PELO 1.º TENENTE DE ENGENHARIA JULIO CAETANO HORTA BARBOSA AO SR. CORONEL CANDIDO MARIANO DA SILVA RONDON, CHEFE DA COMMISSÃO DE LINHAS TELEGRAPHICAS ESTRATEGICAS DE MATTO-GROSSO AO AMAZONAS, SOBRE A EXPLORAÇÃO QUE FEZ NO RIO IKÊ

Em cumprimento ás vossas ordens, parti a 11 de Julho ultimo da estação telegraphica de Vilhena para iniciar a exploração do rio Ikê, levando commigo um inspector de 4.ª classe e um guarda fio, como auxiliares, e cinco trabalhadores.

Eu devia procurar esse rio no fim do *pique* feito em continuação á tangente que termina no « Descarrega e Carrega » e a 3690 metros dahi, onde se suppunha que elle passasse; descer, depois, margeando-o, e ir fazendo o seu levantamento até onde o encontrasse com volume d'agua sufficiente para permittir a navegação de canôas que nesse ponto faria, então, construir.

A' tarde daquelle dia e pela manhã do seguinte tomei observações de aneroide na cabeceira do « Ikê », e, depois de descer pelo campo cerca de 9 kilometros, entrei na matta até encontrar o rio, com o fim de ver a agua que elle já tinha e poder melhor reconhecel-o no ponto em que o devia procurar.

Chegando, porém, ao lugar onde tinha de ser começado o serviço, verifiquei o engano em que estavamos, pois o Ikê não passa por alli, e era já bastante tarde quando encontrámos uma pequena cabeceira a que denominámos do « Lôgro ». Na persuasão de que o Ikê não passasse longe dalli resolvi fazer *pique* procurando-o, mas, no fim de 6098 metros não avistando ainda o seu valle e temendo difficuldades em reconhecel-o depois, voltei ao « Descarrega e Carrega » a 16. Do poste da curva desse lugar parti de novo fazendo levantamento em direcção á matta para entrar nella até encontrar o rio.

Depois da cabeceira do « Lôgro », no *pique* que fazia para procurar o Ikê, encontrei 2 corregos, ambos com 3 metros de largura ; a um chamei «Mandaguary», pela abundancia de mel dessa abelha ahi encontrado. Esses corregos têm suas nascentes na matta que se avista na curva do « Descarrega e Carrega », á direita de quem vae de Vilhena para José Bonifacio, e correm procurando o « Ananaz ».

A 17 comecei a fazer o levantamento seguindo pela margem do Ikê, depois de tomar sua secção e volume ; dois dias depois, porém, comquanto o rio ainda não permittisse navegação, sinão com grandes difficuldades, pelas curvas fortes que apresentava, pequeno volume d'agua e grande atravancamento do leito, resolvi apressar o embarque da expedição por diversos motivos :

Em primeiro lugar porque os meus trabalhadores que haviam sido escolhidos entre tropeiros e vaqueiros que voluntariamente se offereceram para essa exploração não tinham pratica do serviço de

machado, foice ou facão para abertura do *pique* em matta, de modo que o serviço não podia render tanto como eu esperava e estava acostumado a conseguir em outros semelhantes. No fim de 2 dias de levantamento rio abaixo tinhamos feito apenas 3 kilometros e os trabalhadores estavam sentindo muito, tendo os de facão os pulsos inchados.

Esse rendimento tão pequeno preoccupava-me, duplamente, não só pelo desejo de terminar breve o serviço de que me encarregastes, como pelo consumo dos generos que, com tal demora, não poderiam bastar para todo o tempo calculado para a exploração. Por outro lado eu já não podia mais contar com o transporte da nossa bagagem por terra, porque os bois cargueiros, tanto os 3 que eu havia trazido de Alvaro de Vilhena, como os 5 restantes—que eu deixara lá para conduzirem o restante da bagagem — tinham afrouxado, já havendo até morrido um, e, é claro, essa difficuldade de transporte tendia a augmentar cada vez mais, não só pela distancia que crescia, como pela falta de pasto na matta. Além disso, o rio tinha crescido $0^{m3},500$ em meia legua o que era para animar. O embarque, pois, impunha-se, eu teria o transporte garantido, e acreditava que poderia a principio avançar, no minimo, 4 kilometros por dia.

Ordenei, portanto, a construcção de 2 canôas que foram feitas, em 14 dias, sob as vistas do guarda Joaquim Sol o qual ficou sendo, desde então, o encarregado da navegação.

Ambas eram de cedro ; uma de $9^{m},90$ de cumprimento, de pôpa a prôa, sendo $6^{m},90$ do banco de prôa ao de pôpa, e de $0^{m},50$ de bocca ; a outra tinha

$9^m,30$ de cumprimento ($6^m,50$ de banco a banco) e largura de $0^m,40$. A' 1.ª dei o nome do rio « Ikê », á 2.ª o da data do nosso embarque, « 4 de Agosto ». Na hora da partida verifiquei que as nossas improvisadas embarcações, feitas toscamente por trabalhadores, como já disse, inexperientes, entre os quaes não havia um carpinteiro, não tinham estabilidade, eram *loucas*, e com toda a carga ficaram com as bordas á flôr d'agua. Tive então de mandar cortar talos das folhas de Burity para construir feixes que, amarrados aos costados dellas, servissem de fluctuantes, augmentando assim não sómente o seu deslocamento, como tambem a estabilidade. Cada canôa ficou com 2 destes fluctuantes de cada lado.

Emquanto o serviço foi feito por terra as distancias foram medidas a corrente de 20 metros e os rumos tomados com bussola de algibeira, mas, desde que embarcámos, passei a tomar os rumos com a bussola de transito Gurley e as distancias com uma corda, tambem de 20 metros, até que o rio permittio navegação franca quando, então, empreguei o relogio nessa medição. Um das pontas da corda ia amarrada ao lado do patrão da canôa da frente e a outra na segunda canôa ao meu lado, de modo que eu fiscalizava bem a medição, dando o signal para que o patrão da 1.ª canôa collocasse nas margens do rio uma vara que servia de fixa.

No ponto em que entrámos na matta, no porto do nosso embarque e em diversos acampamentos deixei marcas de madeira com inscripções da data, natureza do serviço e distancia contada, para os dois primeiros, da estação de Vilhena e, para os outros, do porto do embarque. No 1.º ponto em que encon-

trámos o rio e em diversos outros tomei a sua secção e o seu volume d'agua, tendo tambem calculado a força em H.P. dos primeiros saltos. Fiz diariamente observações de aneroide.

Logo nos primeiros dias verifiquei que das vantagens com que eu contava, descendo o rio embarcado, apenas me restava uma que, aliás, justificava por si só a resolução tomada: a facilidade de transporte. O rendimento do serviço continuou a ser muito pequeno, acontecendo mesmo descer a 350 metros apenas de avançamento em um dia inteiro de intensos esforços!

O trabalho de machado não diminuio, e tornou-se, pelo contrario, mais penoso por ter de ser feito em sua maior parte dentro d'agua. O rio extraordinariamente atravancado, com curvas muito fortes, difficilmente dava passagem ás canôas, e as numerosas cachoeiras, obrigando, quasi diariamente, á descarga da bagagem e ao seu transporte ás costas para o extremo inferior, retardavam e tornavam penosa nossa marcha. Nas cachoeiras tinhamos de passar as canôas a pulso ora sobre pedras, ora sobre rolêtes e muitas vezes sustentando-as mesmo fóra d'agua. Só esses obstaculos, naturaes no serviço que eu iniciava, mas que eu não havia previsto por inexperiencia, justificam que trabalhando o dia todo com o maximo esforço não conseguisse uma média nem de 1 kilometro por dia no 1.º mez de serviço.

Por outro lado os trabalhadores começaram a desanimar — tendo eu necessidade, já no 6.º dia de viagem, de reunil-os para animal-os, mostrando-lhes a importancia do serviço que nos estava confiado, a necessidade imperiosa que todos tinhamos de con-

cluil-o, pelo compromisso que haviamos tomado de o fazer, e minha resolução firme e absoluta de leval-o a termo; preveni-lhes tambem o espirito para os novos obstaculos que encontrassemos e que seriam inevitaveis, mostrando-lhes mais os perigos e os trabalhadores inutilizado por haver ferido o pollegar muito ao contrario de nos desanimar deveriam ser antes motivos para satisfação, porquanto os iamos vencendo a todos sem que nenhum podesse resistir á nossa acção conjuncta; disse-lhes que tudo isso era natural em serviço de exploração e citei-lhes exemplos das explorações anteriores, feitas na Commissão de Linhas Telegraphicas, onde todas têm sido levadas a effeito atravez dos maiores esforços e dos mais abnegados sacrificios.

Nem assim, entretanto, consegui levantar o animo de todos, pois, passados quatro dias apenas já dois delles me pediam guias para regressar ao acampamento geral; esses nunca mais trabalharam sem se lamentar constantemente, abatendo com isso o animo dos outros.

Além disso, começaram a apparecer enfermidades e accidentes. No dia 18 de Agosto tive um dos trabalhadores inutilizado por haver ferido o pollegar do pé direito com um golpe de machado que o cortou quasi até o meio, tendo sido preciso acabar de amputal-o, o que mandei fazer com uma lamina de navalha Gillette, á falta de melhor instrumento. Antes que esse ficasse bom outro soffreu desastre semelhante. O mais grave, porém, deu-se a 22 de Setembro sendo victima delle um dos dois mais desanimados, que, cortando um palmito para a nossa refeição da noite, o fez com tanta infelicidade que

foi derrubado pela palmeira e esta cahio-lhe por cima causando-lhe lesões internas de que veio a fallecer seis dias depois, a 28 de Setembro. Carregando esse infortunado companheiro de jornada com todos os cuidados que nos foram possiveis prestar-lhe na situação em que nos encontravamos, demos-lhe sepultura no ponto em que veio a fallecer, e sobre ella collocámos uma cruz com inscripção.

Ficou, assim a nossa pequena turma reduzida a 7 homens, commigo, e dos trabalhadores apenas um, o regional Manoel Pedro Gonçalves, estava bom e sempre disposto ao trabalho!

O rio Ikê corre em matta até a distancia de 20 kilometros onde começam a apparecer os campos indigenas, á direita primeiramente. A 27 kilometros notam-se tambem á esquerda. Esses campos ora afastam-se, ora approximam-se das margens, chegando raramente a encostar no rio. Seu leito é sempre de pedra canga e as margens ora firmes, ora pantanosas, têm abundancia de palmeiras, principalmente de Anajá, Burity, Acuri, Tucum, Piassaba, Assahi, Bacaba, Paxiuba, etc., conforme sua natureza.

Elle é pobre em seringueiras, notando-se apenas algumas dessas arvores espaçadas — mas tem bastante Cedro, Guanandi, Faveira, Jatobá, Páo Brasil, Soveira, etc.

Encontra-se tambem em suas margens Salsa Parrilha e muita congonha.

Os campos indigenas prolongam-se pelo rio

abaixo, e atravessando-os, a cerca de 24 kilometros nota-se cerrado que se estende a se perder de vista.

A 31 kilometros e 700 metros encontrámos o primeiro salto, pequeno com $1^{m},20$ de altura, encravado em um trecho de mais de 300 metros de cachoeira. Nesse ponto já as margens do rio são apenas cobertas por uma nesga de matta, o campo chega mesmo num ponto ou outro a encontral-o. O rio tem ahi um volume d'agua de $4^{m3},797$, e a energia do salto foi calculada em 76,7 H.P. A bagagem foi transportada ás costas desde o inicio das cachoeiras até encontrar-se novamente o rio manso e as canôas foram arrastadas por terra num percurso de 160 metros, serviço esse que concluimos em 2 dias.

A 34,500 kilometros encontrámos grandes brejos que chegam até ás margens do rio. (As distancias são todas referidas ao porto do nosso embarque).

A 39,600 kilometros recebe o Ikê o seu primeiro affluente : um ribeirão que cahe pela margem direita e que supponho ser o Toloiry, com 5 metros de largura e um volume d'agua de $3^{m3},355$.

A 45,600 kilometros recebe elle outro affluente, ainda pela direita, outro ribeirão de 5 metros de largura.

Depois de receber este, o Ikê tem uma descarga de 6716 litros por segundo e $8^{m},60$ de largura.

A 46.300 metros atravessa elle um grande acurizal, depois um pantanal, a 56 kilometros, e cahe novamente no cerrado e nos campos indigenas — com lindas pastagens de capim gordura. Em seguida o terreno começa a se accidentar e vão apparecendo morros altos á esquerda desde a distancia de 61.800 metros ; o rio depois de cachoeiras e

rapidos tem as aguas um pouco represadas para em seguida despenhar-se com a velocidade de $1^{m},67$ por segundo, por um bellissimo salto de 5 metros de altura ao qual denominei « Joaquim », em homenagem ao camarada Joaquim Rios que a 28 de Setembro ahi falleceu, como acima tive occasião de referir.

A descarga é ahi de 15 metros cubicos, 743 decimetros cubicos por segundo, e a energia do salto é de 1049 cavallos vapor. O transporte das canôas no salto foi facil. Tiramol-as d'agua bem proximo ao salto, arrastamol-as uns 15 metros e fizemol-as despenharem-se pelo desbarrancado do terreno até o rio. Tivemos, porém, o cuidado de prendel-as por cordas para que não fosse muito brusca a sua descida pelo despenhadeiro, mas as cordas não resistiram, arrebentaram-se e as canôas, uma após outra, foram, assim, precipitadas ao rio. Um dos trabalhadores, nadando, puxou-as para o remanso, onde foram então exgottadas.

Esse salto, constituido por uma quéda unica, é muito bonito ; abaixo delle o rio forma uma grande bacia com cerca de 100 metros de largura por 150 de comprimento na qual as aguas correm em todos os sentidos, depois della elle canaliza-se de novo tornando-se muito facil a navegação por offerecer um grande trecho limpo e sem cachoeiras. Em seguida elle alarga-se mais e fica mais limpo, mas a ausencia de peixes indicava-nos que ainda haviamos de encontrar outras quedas.

A 88 kilometros entra pela esquerda com 4 metros de largura o primeiro affluente de alguma importancia que apparece por essa margem, vindo desaguar no Ikê com o rumo de 60 NW.

Na distancia de 93,500 kilometros entra o Ikê em zona de lagôas e assim corre grande extensão; depois surge novamente o cerrado, que margea o rio até muito abaixo dellas.

O rio que tanto melhorára depois do salto muda novamente de feição. Entrando nos pantanaes elle estreita-se aprofunda-se, descreve curvas fortes, como nos primeiros dias, e o serviço de machado augmenta muito. Mas, passado um trecho nessas condições, melhora um pouco para depois continuar a descer cachoeiras que não terminam senão quando encontra um salto ou uma quéda forte.

Do km. 111 em deante passei a fazer a medição por meio da hora. A corda que servia para medir estava já muito pôdre o que nos impedia de *enfiar* mesmo os rapidos, porque qualquer tensão maior a fazia arrebentar, pelo que tinhamos de parar sempre para medir esses trechos por terra. Emendando os pedaços de corda que prendem as barracas aos tornos empregados na sua armação, consegui fazer outra cheia de nós, porém, forte. Infelizmente em uma cachoeirinha encravada entre rapidos, ella prendeu-se nas pedras e perdeu-se, sendo impossivel encontral-a pela profundidade do rio e correnteza de suas aguas. Fui, assim, forçado a lançar mão do relogio comquanto o estado do rio não permittisse ainda o emprego desse meio sem muita difficuldade e, portanto, com pouca confiança no seu resultado.

Nesse ponto o cerrado chega até ás margens do rio e avistam-se bellos chapadões de um e outro lado, formando ondulações, que indicam valles e divisões.

A 113,800 km. do porto do nosso embarque encontrei um trecho bellissimo do rio. Elle vem correndo pelo campo, de subito estreita-se tanto entre as pedras argilosas que viemos encontrando desde o salto « Joaquim » que facilmente pode ser atravessado de um passo.

Ahi é mesmo passagem batida dos Nhambiquaras.

Estabeleci, bem sobre essa passagem, nosso acampamento.

Sem cordas, com o pessoal doente e enfraquecido, não pude deixar de arriscar, ainda uma vez, as nossas canôas, largando-as pela corrente abaixo, quando não nos foi mais possivel contel-as seguras só com as nossas proprias mãos. Tinhamos de transpôr um trecho de mais de 100 metros, encachoeirado, com curvas fortes e marginado de pedras! Era preciso que as canôas fossem largadas na entrada da primeira cachoeira e apanhadas logo abaixo della para serem encaminhadas pelo canal apertado a que me referi e cuja largura não excedia de $0^{m},50$. Tornou-se necessario alargal-o, cortando e quebrando pedras a machado, por ser impossivel a passagem das canôas por lugar tão estreito e com tão forte curva, nem ser possivel tambem tiral-as d'agua pela grande altura das barrancas.

Foi relativamente facil esse trabalho, pois, com duas horas de trabalho de tres machadeiros, conseguimos abrir o caminho.

Vinte metros mais abaixo novo passo apertado e em curva que nos obrigou ao mesmo trabalho, ainda com maiores difficuldades porque não havia

espaço para mais de um trabalhador de cada vez e este mesmo em posição sem firmeza e arriscada, pois o menor descuido ser-lhe-ia fatal. Preparado que foi esse segundo canal e trazidas até ahi as nossas canôas, das quaes a maior já estava fendida por choque recebido na 1.ª destas cachoeiras tivemos de suspender o trabalho por já ser tarde.

No dia seguinte proseguimos e tivemos de continuar a faina de cortar pedras a machado. O rio passa desesperadamente por novo corredor apertado e logo descreve outra curva. Parecia não ser muito difficil a passagem das canôas por agua e assim resolvi que se fizesse, não só por assim considerar, como pelo estado de extremo cançaço do meu resumido pessoal.

Infelizmente, porém, a nossa melhor e maior canôa, levada vertiginosamente pela corrente, foi encravar-se por baixo de um grande bloco de pedra no fundo do rio. Suppondo que cortado esse bloco ella pudesse safar tentei desprendel-a mandando logo partil-o a machado. No fim de 2 dias de serviço constante conseguimos quebrar o bloco, mas a canôa não sahio; era preciso recual-a e, ahi nossa maior difficuldade, não dispunhamos de outras cordas senão as da nossas rêdes, nem tinhamos pontos para o apoio indispensavel!

Arrecadei, portanto, todas as cordas das rêdes e fui tentar puxal-a para trás. Depois de muitas difficuldades e empregando todos nós os maiores desse passo ruim, com o fim de a fazer passal-o, esforços, conseguimos recual-a para o principio arrastada por sobre as pedras; quando porém, já suppunhamos a canôa salva, as cordas partiram-se

e ella precipitou-se novamente indo prender-se outra vez no mesmo lugar!

Não me resignava a abandonal-a porque a outra era pequena, não comportava toda nossa carga, e não havia matta perto onde pudesse mandar fazer outra, por isso tentei ainda salval-a. Foi mais um dia perdido em um lugar onde difficilmente conseguiamos palmitos de guariroba, não tinhamos mel, nossos generos estavam acabando-se e não parecia que o rio depois disso nos offerecesse navegação franca!

Desprendemos novamente a canôa, mas, trabalho perdido, ella foi encravar-se mais abaixo e vimos, então, que já estava inutilizada. Não havia mais remedio, passamos a segunda canôa por terra, mandei collocar-lhe mais um par de boias de talos de burity, tiradas da primeira, e reduzir as bagagens.

Reduzi nossa cozinha ao estrictamente indispensavel e, quanto ás roupas, abandonámos tudo que não fosse de immediata necessidade. Mesmo assim tres dos trabalhadores tinham de seguir a pé por terra até que eu pudesse encontrar nova solução.

No dia seguinte reduzi ainda mais a bagagem, abandonei todos os livros, todas as peças do transito desnecessarias ao levantamento á bussola e colloquei na canôa um dos camaradas cujo estado de saúde não lhe permittia nem andar, acompanhando-nos.

Nessa cachoeira, a que denominei da « Canôa », encontrei vestigios frescos de indios — tinham deixado ahi duas cabaças presas a uma arvore para sua volta. Deixei-lhes, como brindes, machados, cintas, linha, pratos, chicaras, roupas, etc. Com o

trabalho nas pedras haviam-se quebrado cinco machados.

Os Indios tiveram maloca ahi antigamente; eu acompanhei até bem longe um trilho batido, que segue pelos chapadões afóra o qual supponho ir ate Campos Novos.

No km. 117,400 encontrámos outro salto a que dei o nome de « Desvio » por ter encontrado um desvio por sobre as pedras que muito facilitou o transporte da canôa. Elle tem 4 metros de altura; o rio tem ahi 20 metros de largura, corre com uma velocidade de $2^{m},22$ por segundo e sua profundidade media é de $0^{m},70$.

No km. 118,500 encontrei outro salto menor a que chamei «Salto da Ilha ». Este tem apenas 1 metro de altura.

Dahi em deante o rio é accidentadissimo, as corredeiras e cachoeiras são frequentes. A 126 km. outro salto de 1 metro, 240 metros abaixo outro de $5^{m},5$ e logo depois, 140 metros adiante, novo salto de 6 metros.

Sómente nesse trecho a carga foi transportada ás costas na distancia de 1080^{m} e as canôas foram arrastadas por terra sobre 160 m. Como avistasse outro salto logo abaixo dahi e o rio estivesse todo cheio de cachoeiras, além de que a nossa pequena canôa não comportava todo o pessoal, resolvi fazer o levantamento por terra, aproveitando o campo que ainda acompanha o rio. Ahi o terreno é mais accidentado, existem morrotes de um lado e ao longe avistam-se tres grandes valles á direita que são os do Camararé, 12 de Outubro e Juruena e a esquerda um, o do Ananaz.

Ao chegar ao salto que avistara e que chamei dos « Peixes », por serem vistos pela primeira vez peixes grandes, ouvi gritos e tiros com que me chamavam. Voltando a attender soube do naufragio pela segunda vez de nossa canôa. Molhou-se tudo, roupas e generos, porém, nada ficou perdido.

Antes do Salto dos Peixes ainda tivemos de puxar a canôa por terra em uma cachoeira e em uma quéda, ao todo 50 metros, e sobre roletes em outra quéda.

Para transpor esse salto abrimos caminho subindo um morrote porque elle é apertado entre escarpas muito fortes e formado por tres quedas — uma de 3 metros, outra de 8 metros, e a ultima de 24 metros. Tivemos que arrastar a canôa pelo morrote, numa distancia de 395 metros, dos quaes 120 metros em subida e a carga foi transportada ás costas numa distancia de 900 metros.

Em passar o Salto dos Peixes gastámos quatro dias, mas, dahi em deante o Ikê é navegavel francamente por lancha até sua desembocadura no 12 de Outubro.

No km. 180 recomeçaram os alagadiços e tambem encontrámos depois com mais frequencia passagem dos indios. Nesse ponto entra pela margem esquerda um ribeirão grande, de 20 metros de largura e bastante agua — que supponho ser o Ananaz — elle entra com rumo 42° NE. Apparecem então as seringueiras com abundancia.

A 227 km. do porto do embarque o Ikê, tendo, então, cerca de 30 metros de largura, desagua no « 12 de Outubro » — que tem de 80 a 100 metros de largura e vem com o rumo de 60 SW. Seguindo

por este, 1800 metros, abaixo encontra-se o rio Camararé, que tem approximadamente 120 metros de largura e o rumo de 90° W

Ahi começam grandes capoeiras (?) de indios que seguem o rio todo até o « Juruena » que é encontrado depois de 267^{k},400, contados do ponto de nossa partida. Assim, depois de andarmos tanto tempo em corrego, esperando a cada instante um rio pela direita (o « 12 de Outubro ») encontrámos primeiro o «Ananaz» ([1]), á esquerda, e logo depois o « 12 de Outubro », o « Camararé » e o « Juruena » que foi reconhecido pelo marco deixado pelo Capitão Pinheiro.

Ao encontrarmos o Juruena tivemos um certo descontentamento por verificarmos que o rio que tanto trabalho nos déra para seu estudo não passava de um affluente pequeno do « 12 de Outubro » — e tivemos então maior pressa em chegar onde houvesse telegrapho para evitarmos a sahida da outra turma de exploração que devia descer o « 12 de Outubro » na supposição de que elle tambem não fosse affluente do « Juruena ».

No dia 31 de Outubro, em que chegámos ao rio Juruena, tivemos o prazer de encontrar os Nhambiquares. Seriam 9,30 am. quando ouvimos barulho no matto de gente que se despenhava de arvores e corria. Immediatamente mandei atracar a canôa na margem opposta ; gritámos pelos indios mostrando-lhes machados, contas e linhas. Em seguida appare-

---

([1]) As explorações posteriores (1915—1916) do rio Ananás demonstraram que este rio não junta suas aguas ás do Ikê, mas ao rio Roosevelt (antigo Duvida).

ceram dois que chamei, acenando-lhes com os presentes. A principio ficaram indecisos, mas depois atravessaram o rio e foram ao nosso encontro. E' indizivel o prazer que todos nós sentimos com o encontro dos Nhambiquaras: pareciam-nos amigos esperados por uma longa ausencia! A alegria nelles por nos encontrar não foi menor que a nossa. Elles informaram-me que vinham de longe e que iam para Campos Novos.

Para atravessarem o rio, um collocou por baixo dos braços duas boias finas de talos de burity, emquanto o outro, firmado nos pés do primeiro, foi por elle rebocado até onde estavamos. Depois atravessámos levando um na canôa e o outro nadando apoiado na pôpa. Na margem em que elles estavam, appareceram então outros indios, homens e mulheres que nos deram fumo, mel e collares, em troca do que lhes demos.

Quando continuamos a navegar, um destes nos acompanhou pela matta, dando aviso a outros de nossa approximação; um pouco abaixo, onde parámos para almoçar, vieram ao nosso encontro um homem com sua mulher e um rapazinho e mais adiante ainda encontrámos outros, a todos os quaes distribui brindes.

Ao chegar ao Juruena encontrámos um trecho de cachoeira e, depois de 3 $^1/_2$ dias de viagem, entrámos em um outro trecho grande de cachoeiras, onde a navegação além de difficil é perigosissima — são os ultimos contrafortes da serra dos Parecis, pois, logo abaixo encontrámos o rio Arinos. Nesse trecho transportou-se a carga ás costas cerca de 1700 metros.

— No dia 6 de Novembro, antes ainda do Arinos, logo ao partirmos do nosso acampamento, em um trecho encachoeirado e cheio de rebôjos, nossa canôa alagou-se; a principio suppuz-nos todos perdidos, pois, só um nadador muito bom poderia escapar descendo a correnteza. Mandei remar com força para uma das margens, mas foi-nos impossivel attingil-a, entretanto, percebendo que a canôa não sossobrava devido á qualidade da madeira de que era feita e ás 6 boias que trazia, ordenei que ninguem a abandonasse, dizendo que não haveria perigo e que rodando pelo rio abaixo atravessariamos as cachoeiras todos juntos. Infelizmente, o inspector Francisco Mascarenhas não conseguio dominar-se e, abandonando-nos, atirou-se á agua, salvando-se com muito custo. Mandei logo que os outros camaradas que sabiam nadar pulassem nagua e nadassem agarrados nas bordas da canôa. Iamos descendo assim quando ella emborcou e vimos boiarem logo sem que nem os pudessemos tentar salvar, saccos de roupa e minha barraca, perdendo tambem o nosso fogo, que transportavamos diariamente, de pouso em pouso, por já termos perdido os phosphoros nos naufragios anteriores...

Julguei que toda carga se tivesse perdido, mas, felizmente, quando chegámos á margem verifiquei que as canastras e alguns saccos de roupa não se tinham perdido. Foram-se porém, os viveres, todo trem de cozinha, armamento, ferramentas, brindes para os indios, etc.

Das armas de fogo salvou-se apenas uma que, por ter sido do camarada fallecido, estava no fundo da canôa, por baixo das estivas, foi com ella que

consegui fazer fogo dahi em deante. Perdemos tambem nossas linhadas de pescar, pelo que tive de dar para esse emprego os cordões dos punhos das nossas rêdes.

Encostados á margem, descarregámos a canôa quando, emfim, escapos do perigo, deveriamos proseguir em nossa viagem; não o pudemos fazer: cumpria-nos soccorrer o companheiro que não poderia descer para nos vir encontrar muito abaixo, porque estavamos do lado opposto, perto da margem direita e teriamos ainda de ir muito para a direita para evitar outras cachoeiras que estavam á nossa vista e não podiamos atravessar o rio. Tivemos então de subil-o novamente pelas corredeiras para podermos atravessal-o o que fizemos com grande perigo e muito trabalho.

— Depois de um trecho bonançoso, tivemos outro da cachoeira, onde encontrámos o Salto « Augusto ». A carga foi transportada ás costas neste segundo trecho cerca de dois kilometros.

No Salto Augusto perdemos dois dias arrastando a canôa por sobre pedras na distancia de 670 metros.

Depois do salto o rio continúa ora encachoeirado, ora manso, até o lugar denominado S. Luiz, onde chegam lanchas.

A abundancia de seringaes, caucho e castanhas é surprehendente, enthusiasma o mais indifferente. A caça e o peixe são tambem extraordinariamente abundantes. E' pena que tanta riqueza esteja encravada entre tantas cachoeiras, onde a navegação é perigosa e continuamente fatal aos seringueiros.

— A 24 de Novembro encontrámos os pri-

meiros civilizados, seringueiros que estavam abrindo estradas por conta do Sr. Raymundo Nery. Elles nos deram noticias da expedição do Capitão Pinheiro e serviram-nos de praticos, auxiliando-nos muito até a collectoria do Estado de Matto-Grosso na foz do S. Manoel.

Ahi tivemos o melhor acolhimento por parte do respectivo collector Sr. José Sotero Barreto que nos prestou auxilio, conseguindo-nos conducção. A nossa canôa deixámos no « Canal do Inferno » por ser já desnecessaria.

Pelo Sr. Sotero e por outras pessoas estabelecidas no Tapajóz tivemos informações sobre o explorador Savage Landor, que não levara comsigo nem uma bussola! A isso talvez deve-se attribuir elle ter estado perdido alguns dias em um varadouro que partindo do Tapajóz vae ao Sucundury e que é conhecido dos seringueiros, tendo até sido, pouco antes, percorrido pelo agrimensor Raymundo Nery em exploração para uma estrada de ferro — com o fim de ligar esses dois rios e evitar as cachoeiras que o Tapajóz tem dahi até S. Luiz. O Sr. Landor, não conseguindo orientar-se, teve de voltar á Collectoria, não sem experimentar antes, com sua gente, as privações da falta de alimento.

O Tapajóz era conhecido pelos seus moradores por Juruena até S. Manoel. Foi o Sr. Capitão Pinheiro quem primeiro lhes informou do verdadeiro nome do rio, o que mais tarde foi confirmado pelas minhas informações.

Deixo de dar mais esclarecimentos sobre o Juruena e Tapajóz por já terem sido dados pelo Sr. Capitão Pinheiro.

— Devo deixar aqui consignado o bom acolhimento que encontrei por parte dos seringueiros estabelecidos no Tapajóz, a começar pelo Sr. Romano Fontoura, o primeiro encontrado, e Srs. Antonio Braga e Cyrillo Bello ambos da firma do Sr. J. P. Brazil, que é o intendente de Itaituba, bem como os Srs. Alcantara e Alvaro de Moraes que nos conduziram gratuitamente o primeiro desde a Collectoria de S. Manoel até Quata-Quára e o segundo dahi a S. Luiz, onde tomámos passagem num vapor fluvial para Manáos de cujo porto demandámos o do Rio de Janeiro.

— E' de justiça destacar entre todos os que me acompanharam nessa expedição, em primeiro lugar o guarda fio Joaquim Sol, homem sempre disposto ao trabalho, dedicado, obediente e que foi sempre o encarregado de nossa navegação, e em segundo lugar, o trabalhador Manoel Pedro, sempre disposto a qualquer serviço — de todos os trabalhadores, o melhor auxiliar, nas occasiões em que tinhamos necessidade de arrastar as canôas.

Recebi 12 contos de reis no Rio de Janeiro, para as despezas de viagem e pagamento do pessoal de minha turma; dessa importancia prestei contas no escriptorio da Commissão.

Recebi do Tenente Heron, pagador da secção Sul, por intermedio da casa Oilveira Freitas, a quantia de 12 contos de reis que gastei conforme conta corrente que já lhe foi remettida. A féria dos trabalhadores montou em 6:999$500, mas nessa

cifra estão incluidas diarias de um anno inteiro para dois delles e diarias para outros contadas desde muito antes de começarem a trabalhar nessa exploração, por serem já empregados da Commissão. Como despeza extraordinaria do serviço de exploração do Ikê póde-se apenas notar 625$500 — gratificação especial a dois dos trabalhadores e mais 2:208$160 de transporte, hospedagens e alimentação. A despeza total extraordinaria foi, pois de 2:833$660.

— Já tendo feito entrega das cadernetas ao escriptorio da Commissão, nesta Capital, das quaes constam os dados technicos da exploração e os elementos necessarios para a confecção das plantas, creio com o presente relatorio completar a commissão que me havieis confiado e que procurei desempenhar conforme o meu dever.

Rio de Janeiro, 24 de Março de 1913.

JULIO CAETANO HORTA BARBOSA
1.° Tenente.